

Leia e mude o mundo...

Convites em português para leitura de artigos científicos,
link ao final.



Questões de bem-estar animal pouco abordadas na conservação

Jordan O. Hampton e Timothy H. Hyndman, 2019

Resumo em português preparado por Georgia Paolini e Carla F. M. Molento, Janeiro 2021

Nas últimas duas décadas a atenção dada ao bem-estar de animais selvagens aumentou consideravelmente. Muitos trabalhos, que apoiam ou se opõem às práticas de conservação e pretendem abordar o bem-estar animal, foram publicadas. Entretanto, ainda faltam estudos sobre bem-estar animal abordando contextos politicamente sensíveis e, portanto, não há instruções para a avaliação científica ou para um refinamento das atuais práticas. Essa revisão utiliza exemplos da Austrália para identificar quatro questões que carecem de uma análise significativa:

1. A falta de fiscalização do bem-estar animal em operações de manejo.
2. A falta de consideração dos impactos ao bem-estar animal pelo uso de agentes biológicos.
3. A escassez de estudos para examinar o bem-estar dos animais caçados para fins recreativos.
4. A escassez de estudos para examinar o impacto no bem-estar animal associado ao uso da vida selvagem pelos indígenas.

Exemplos de questões de bem-estar animal pouco abordadas na conservação estão ilustrados na Figura 1.



Figura 1. Uso de um bloqueador neuromuscular para colocação do colar de telemetria em um burro selvagem consciente em um programa operacional (canto superior esquerdo), um coelho europeu infectado com o agente de biocontrole do vírus da mixomatose (canto superior direito), caça recreativa de veado-sambar (canto inferior esquerdo) e caça indígena de um gato selvagem (canto inferior direito).

Leia e mude o mundo...

Convites em português para leitura de artigos científicos,
link ao final.



Supervisão do bem-estar animal e programas de manejo

As atividades de pesquisa animal no mundo todo só podem ser realizadas com a supervisão de comitês de bem-estar animal. Em contradição, atividades de manejo de animais selvagens não estão sujeitas ao mesmo exame minucioso e raramente envolvem qualquer supervisão formal. Um exemplo dessa discrepância é o uso de bloqueadores neuromusculares, que são proibidos para animais de pesquisa, mas são utilizados para imobilização de burros selvagens em operações de manejo na vida selvagem. Esses bloqueadores imobilizam os animais por paralisia; portanto, não fazem efeitos no sistema nervoso central, conseqüentemente os animais permanecem conscientes durante a imobilização e podem sentir dor e estresse.

Controle biológico

Agentes de controle biológicos infecciosos tem uma importância mundial no manejo de planta e animais invasivos. Estudos experimentais, que infectam intencionalmente animais de laboratório com patógenos, enfrentam rigorosa fiscalização de bem-estar animal. Todavia, tal preocupação não se estendeu para os animais. Os impactos no bem-estar animal geralmente são avaliados pela intensidade e duração do sofrimento causado, assim como o número de animais afetados. Agentes biológicos infecciosos são escolhidos por sua capacidade de propagação e continuam a ocasionar impactos muito tempo após serem liberados, em grande número de animais. Se a ética consequencialista identificar benefícios suficientes para compensar os custos ao bem-estar animal, então a decisão de liberar agentes biológicos pode ser eticamente justificada. Entretanto, sem avaliações explícitas de bem-estar animal, as informações necessárias para um debate ético são incompletas.

Caça recreativa

A caça é uma atividade popular em todo o mundo, para subsistência e para práticas comerciais. Entretanto, na Austrália a caça é proposta como uma ferramenta de manejo da vida selvagem, com lemas como “caça para a conservação”. Todavia, há poucos estudos para avaliar os impactos da caça no bem-estar animal, por exemplo na frequência de feridas não fatais. Técnicas que são comumente utilizadas para a caça recreacional causam um impacto maior no bem-estar animal que métodos de abate humanitário. Taxas relatadas de ferimentos não fatais em pássaros costumam ser entre 10 a 25%, pelo uso de espingardas. Já em veados, que são caçados com arco e flecha, essas taxas podem ultrapassar os 25%. Em comparação, em técnicas profissionais de abate, as taxas de feridas não fatais são próximas de zero. Sem a quantificação dos resultados de todos os métodos de caça para o bem-estar animal, qualquer tentativa de justificar eticamente o seu uso será incompleto.

Leia e mude o mundo...

Convites em português para leitura de artigos científicos,
link ao final.



Uso da vida selvagem por indígenas

Muitas atividades tradicionais e contemporâneas realizadas por indígenas australianos chamam atenção do ponto de vista do bem-estar animal, sendo a caça a principal delas. A caça ao Dungongo (*Dugong dugon*), por exemplo, trouxe debate ético, atenção da mídia e especulação em torno dos resultados para o bem-estar animal. Entretanto, nenhum estudo de bem-estar animal foi publicado sobre ela. A caça indígena de espécies introduzidas também é comum, como gatos feralizados caçados para conservação e alimentação. Essa atividade é promovida como uma ferramenta de conservação, apesar da ausência de estudos dos impactos para o bem-estar dos gatos, que são perseguidos pela areia do deserto até se tornarem exaustos, em seguida são golpeados repetidamente por instrumentos de metal. Apesar da caça indígena ser uma situação política delicada, a avaliação de suas consequências para o bem-estar animal tem precedentes. Um exemplo são as pesquisas na América do Norte, que levaram a um refinamento dos métodos de caça às baleias por grupos indígenas.

Conclusão

Há problemas crônicos de bem-estar animal na conservação que ainda não foram abordados. Se mais informações sobre bem-estar animal estiverem disponíveis, elas podem informar maneiras de refinar técnicas para torná-las menos prejudiciais.

Lembrando o axioma: “só se pode melhorar aquilo que se pode medir”.

Não se esqueça, você sabe muito pouco até ler o artigo inteiro:

Hampton, Jordan O., and Timothy H. Hyndman. "Underaddressed animal-welfare issues in conservation." *Conservation Biology* 33.4 (2019): 803-811

<https://doi.org/10.1111/cobi.13267>